



TRAVESSIAS 07 ISSN 1982-5935  
 revistatravessias@gmail.com

## **O FEMININO COMO UM PROCESSO: KATE BROWN, DE *O VERÃO ANTES DA QUEDA*, E A ASSUNÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA**

### **THE FEMININE AS A PROCESS: KATE BROWN, FOR THE SUMMER BEFORE THE FALL, AND THE ASSUMPTION OF WOMEN'S IDENTITY**

**Glacilda Nunes Cordeiro\***

**RESUMO:** Este artigo analisa o processo de constituição da identidade feminina a partir da personagem Kate Brown, do romance *O verão antes da queda*, de Doris Lessing. Convergindo com a perspectiva dos Estudos Culturais, tomam-se as noções de identidade e gênero numa perspectiva anti-essencialista, considerando-os construtos forjados no bojo do conflito entre as interpelações instituídas pelas diversas práticas culturais e as formas de agência com que os sujeitos buscam se constituírem. Busca-se demonstrar que a trajetória de Kate Brown confirma que o ser mulher não é algo dado desde sempre, uma essência fixa; trata-se de algo construído processualmente, numa negociação tensa com os valores estereotipados do discurso falocêntrico. Doris Lessing, no sentido de representar este conflito, valeu-se em larga escala da ironia, fazendo com que um narrador onisciente assumisse o pensamento de Kate, que sai da nulificação de sua pessoa no seio familiar para a assunção, ainda que conflituosa, de uma vontade de constituir seu ser feminino.

**PALAVRAS-CHAVE:** Identidade. Gênero. Doris Lessing

**ABSTRAT:** This article analyzes the construction process of the female identity from the character Kate Brown, of the novel *The summer before the dark* by Doris Lessing. Converging with the Cultural Studies prospect, take up the notions of identity and gender in a anti-essentialist perspective, considering them constructs build in the midst of the conflict between the requests imposed by the various cultural practices and forms of agency in which the person look to achieve. Trying to demonstrate that Kate Brown's trajectory confirmed that to be woman is not a fixed essence, this is something gradually build in a tense negotiation with the values of stereotyped speech. Doris Lessing, to represent this conflict, used the irony in a large scale, making an omniscient narrator assume the thought of Kate, who leaves her insignificant position at home, even if with conflict, a desire to build her own femininity.

**KEYWORDS:** Identity. Gender. Doris Lessing

## **INTRODUÇÃO**

---

\* Mestranda em Letras pela Universidade Federal do Piauí e professora da rede pública e particular. E-mail: glacildanunes@yahoo.com.br.



TRAVESSIAS 07 ISSN 1982-5935  
revistatravessias@gmail.com

Este artigo se circunscreve às discussões de gênero e identidade e busca compreender o processo de assunção de uma identidade feminina por parte de Kate Brown, personagem protagonista do romance *O verão antes da queda* (“The summer before the dark”), de Doris Lessing. Convergindo com a perspectiva dos Estudos Culturais, as noções de identidade e gênero serão aqui abordadas numa perspectiva anti-essencialista, ou seja, entender-se-á identidade e gênero não como entidades estáticas e dadas desde sempre, mas como construtos forjados no bojo do conflito entre as interpelações instituídas pelas diversas práticas culturais e as formas de agência com que os sujeitos buscam responder àquelas práticas. Identidade e gênero, nesta perspectiva, são processos, projetos inacabados e espaços de conflito. Nesta perspectiva, delineou-se a seguinte questão-problema: como ocorre o processo de construção da identidade feminina sob a ótica da personagem Kate Brown, do romance *O verão antes da queda*, de Doris Lessing?

## **GÊNERO E IDENTIDADE COMO PROCESSO**

A questão da identidade sempre provocou discussões bastante calorosas. Atualmente, ela tem sido um dos assuntos mais discutidos, principalmente porque as velhas identidades, forjadas sob as concepções de raça, gênero, classe, etnia e nacionalidades, estão sendo postas em xeque. Essa crise por que passam as identidades é oriunda das transformações porque passa o conceito de sujeito. De acordo com Hall (2005), antes o sujeito era visto como unificado, quadro que se modificou na cultura pós-moderna, em que o sujeito encontra-se fragmentado, tendo sua identidade se difratado, rompendo a unicidade do sujeito descartiano.

Essa cisão fez, essa fragmentação incontornável fez com que velhas identidades que, durante muito tempo, estabilizaram um mundo social entrassem em declínio. Nesse sentido, aquele sujeito como possuidor de uma identidade unificada e estável, está se tornando, cada vez mais, cindido. Na cultura pós-moderna, a identidade tornou-se, portanto, uma “celebração móvel”: “formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (HALL, 2005, p. 13).



Rajagopalan (2005), convergindo com Hall (2005), propõe uma concepção de identidade inteiramente não essencialista. Para Rajagopalan, a identidade é um construto, jamais algo que nos é dado sem um constante esforço produtivo, que se perfaz no diálogo que estabelecemos com valores que circulam no meio sociocultural. Bauman (2005) igualmente concorda com essa visão produtiva da identidade em detrimento de uma postura essencialista:

A “identidade” só nos é revelada como alvo a ser inventado, e não descoberto; como alvo de um esforço, “um objetivo”; como uma coisa que ainda se precisa construir a partir do zero ou escolher entre alternativas e não lutar por ela e protegê-la lutando ainda mais – mesmo que, para que essa luta seja vitoriosa, a verdade sobre a condição precária e eternamente inconclusiva da identidade deva ser, e tende a ser, suprimida e laboriosamente oculta (2005, p.22).

Judith Butler (2003) em seu livro *Problemas de gênero* também afirma que a identidade feminina “é construída, desintegrada e rearticulada exclusivamente no contexto de um campo dinâmico de relações culturais” (2003, p. 183). Ainda segundo Butler, “o próprio sujeito das mulheres não é mais compreendido em termos estáveis ou permanentes” (2003, p. 18).

Scott (1990), convergindo com Butler, propõe uma concepção de identidade de gênero como uma construção histórica, de representações múltiplas e ligada à subjetividade.

Desta forma, visto como uma convenção socialmente necessária, a identidade é um tema que tende a ser de graves preocupações e agitadas controvérsias. Ela “somente se torna uma questão quando está em crise quando algo que se supõe como fixo, coerente, estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza” (MERCER apud HALL, 2005, p. 9).



A discussão sobre gênero, pois, ao sair da pauta essencialista, vai deixando de ser uma discussão bio-psicológica para chegar-se ao debate político e cultural. Wittig (apud BUTLER, 2003, p. 17) radicaliza esta tendência ao afirmar que “a categoria do sexo é a categoria política que funda a sociedade heterossexual”. Para Wittig, como para Butler (2003), a identidade heterossexual é constituída a partir de estratégias de apagamento das possibilidades de emergência do homossexual. Todo este deslocamento da discussão sobre gênero e sexualidade permitiu o surgimento de formas de resistência às práticas culturais falocêntricas (BARTRA; MRAZ, 2005). Uma vez que a identidade feminina não é mais algo dado desde sempre, é possível construí-la e desconstruí-la.

Á primeira vista, Spivak (1989) parece discordar de Wittig e Butler. Embora reconheça que a categoria "mulher" é histórica e discursivamente construída, Spivak defende a invocação pública da "mulher" como "essencialismo positivo". Para ela, esta seria uma versão prática do pós-estruturalismo, que visa oferecer uma plataforma de resistência, estratégica e temporária, contra a mentalidade falocêntrica.

No entanto, Spivak (1989, p.127), alerta que esta estratégia só funciona através de uma rigorosa vigilância crítica. De outra forma, a estratégia "ficaria congelada como algo que se chama posição essencialista".

Como se vê, a tendência dos estudos de gênero e identidade que abordagem a constituição do feminino é dar razão à pioneira Simone de Beauvoir (apud BUTLER, 2003, p. 17), que afirmou: “a gente não nasce mulher, torna-se mulher”. Nenhuma posição de gênero é dada de nascimento, trata-se antes de um construto cultural que pode ser mantido ou modificado, embora sob grandes dificuldades.

## **KATE BROWN E A ASSUNÇÃO DO FEMININO**

No que concerne à constituição de sua imagem de mulher, dúvidas e incertezas são uma constante na vida da personagem Kate Brown, do romance *O verão antes da queda*. Este romance relata a crise emocional de uma dona de casa quando, abandonada pelos filhos e o marido nas férias de verão, envolve-se com um homem mais jovem do que ela – situação que põe em questão toda sua vida de mulher até então. Neste caso, como afirma Bauman



(2005, p. 19), “estar totalmente ou parcialmente ‘deslocado’ em toda parte, não estar totalmente em lugar algum [...] pode ser uma experiência desconfortável, por vezes perturbadora”. Isto faz com que a identidade da personagem Kate seja um dos aspectos relevantes do romance em pauta. Ou seja, a assunção de uma identidade feminina em meio às pressões de um mundo sedimentado em atitudes bastante estereotipadas é o que tentaremos mostrar ao lermos o romance.

Narrado em terceira pessoa, esta obra apresenta grande penetração na psicologia feminina, é escrita no estilo preciso, claro e dinâmico. A escolha de um narrador de terceira pessoa é um dado estético relevante, porque como Kate não consegue falar de suas angústias, prefere calar-se, e é somente através desse narrador que nós, leitores, temos acesso às angústias existenciais dessa personagem e podemos compartilhar de suas afetações psicológicas. Entretanto, essas angústias são reflexos de uma crise mais profunda: uma crise de identidade, que é deflagrada quando seu filho “Tim, na época nos seus dezesseis anos tumultuados, se voltara contra ela na mesa do jantar e gritara que ela o estava sufocando” (LESSING, 1973, p. 84). Este choque de valores, que desencadeia a crise de identidade, deve-se ao fato de Kate ter sido criada num mundo em que as mulheres, tradicionalmente, se identificavam apenas com o papel de filha, esposa e mãe. Neste sentido, dirá o narrador: “...voltando atrás e rememorando quase um quarto de século, viu que aquela tinha sido a característica de sua vida: a passividade, a adaptabilidade aos outros” (p. 21).

Kate até então se sentia a melhor mãe do mundo, a esposa ideal e a dona de casa perfeita; a partir daí começa a questionar toda a sua vida até então e admite que “sempre se colocara numa posição de inferioridade” (Id., *ibid.*, p. 12) e que a identidade de dona de casa eficiente e mãe amorosa já não lhe cabia mais, ou seja, ela tomou consciência que “se alguém ‘é’ mulher, isso certamente não é tudo o que esse alguém é” (BUTLER, 2003, p. 20).

A verdade era que ela estava ficando cada vez mais desagradavelmente consciente de que não mais as coisas que ela dizia, mas também a grande maioria das coisas que pensava, eram tiradas de um cabide e



TRAVESSIAS 07 ISSN 1982-5935  
 revistatravessias@gmail.com

experimentadas, mas que o que ela, de fato, sentia era uma outra coisa completamente diferente (LESSING, 1973, p. 6).

Kate é obrigada, pela primeira vez, a ficar sozinha durante o verão, porque seu marido, um médico de sucesso, vai trabalhar num hospital americano. Encorajada por ele, ela aceita um trabalho de tradutora. Até então “ela não permitia que sua aparência florescesse, porque observara logo no início da adolescência dos filhos o quanto detestavam que ela desse rédeas a sua própria natureza” (Id., *ibid.*, p. 11). Kate começa a trabalhar, mas seu trabalho é considerado apenas uma ajuda. “Desde o início, ela estava numa categoria especial, a de amadora, e o fato de estar ali, dera-se a entender, era como se estivesse fazendo um favor” (Id., *ibid.*, p. 25).

Kate então sai do seu habitat natural que era o lar, onde era apenas mãe, dona de casa e esposa, e assume outra identidade. Ela parece perceber que a identidade segura e imóvel que lhe deram é insuficiente. E começa a formular estratégias de agência no sentido de construir-se, de dar uma contribuição sua na constituição do seu ser mulher, no contrapelo dos estereótipos falocêntricos que lhe impingiram. “Ela era Kate Brown, cumprimentada nos corredores com breves sorrisos e rostos simpáticos; faziam-na parar, com uma freqüência crescente, para pedir-lhe conselhos e informações” (Id., *ibid.*, p. 31). Ela constrói uma nova identidade, processo que se desenvolve por toda a vida. Como afirma Butler (2003), a identidade é performativamente construída.

O processo de identificação de Kate a essa nova posição social a faz sentir mais solta e liberta, mas certamente apenas porque seus filhos não estavam por perto “Oh, não, nenhum jovem gosta de ver a querida mãe toda lustrosa, cintilante e sedosa” (Id., *ibid.*, p. 39). “Kate sentiu que estava sendo apresentada a um mundo diferente” (Id., *ibid.*, p. 71). Ela passa por uma crise de “pertencimento” (BAUMAN, 2005). Essa sensação de não ter um centro em que se apoiar é decorrente do fato de essa personagem passar a ser inserida num espaço que não foi construído por ela, nem para ela, afinal o espaço no qual ela se viu durante muito tempo foi apenas o do lar. “O fato era que o retrato ou imagem de si mesmo



como centro cálido da família, fonte de emanções invisíveis como formiga-rainha, estava fora de moda a uns dois ou três anos [...] ela sabia que estava florescendo, se expandindo, aumentando – ela era querida, necessária” (Id., *ibid.*, p. 52). Como tudo isto era novo para Kate ela passa por várias angústias e conflitos.

Os conflitos de Kate Brown começaram a emergir com vigor porque ela vai trabalhar fora e tem que assumir outras identidades: “ela se via [...] como uma mulher eficiente, de grande capacidade, sorridente, mas que girava sem parar em torno de si mesma, como um aparelho que alguém deveria ter desligado” (Id., *ibid.*, p. 56). Ela então começa a criticar a posição engessada em que se encontrava até então, precisava deixar de representar uma personagem e construir uma mulher para si, tirar a máscara: “...olhando para trás a partir da posição de ser uma mulher casada, quase de meia idade e mãe, para a sua posição quando moça, quando vivia com Michael, parecia-lhe que não eram virtudes o que havia adquirido, mas uma forma de demência” (Id., *ibid.*, p. 89). “Aquilo era ao que todos aqueles anos de adquirir *virtudes* haviam levado: ela e suas contemporâneas eram máquinas, programadas para uma função, para dirigir e arrumar e ajustar e prever e ordenar e se incomodar e se preocupar e organizar. Para se inquietar à toa” (Id., *ibid.*, p. 91). “Mas por que não deveria anunciar à família que ia mudar, que estava no processo de mudança? Não podia. Eles o veriam como um apelo à atenção, à compaixão deles.”(p. 92)

Foi no momento enquanto estava sozinha, sem a companhia do marido e dos filhos, que Kate sentiu-se pela primeira vez “uma pessoa operando a partir de suas próprias escolhas” (Id., *ibid.*, p. 93). Kate se envolveu com um rapaz mais jovem, mas para ela isto não tinha muita importância, visto que “ela já tinha feito aquela escalada, mulher mais velha homem mais moço” (Id., *ibid.*, p. 64). Sentia-se sozinha e queria agarrar-se a todas as oportunidades possíveis, isso era tudo.

Durante a viagem, Kate ficou doente e teve que voltar antes do tempo previsto. Como a casa dela estava alugada, teve que procurar um lugar pra ficar até o verão acabar. Com a doença, ela ficou muito magra e, ao se olhar no espelho, deu-se conta que estava fora do padrão e que com certeza ninguém a reconheceria:



Viu uma mulher que era só pele, osso e grandes cotovelos, com enormes joelhos acima das pernas magras; tinha olhos pequenos, escuros e ansiosos, num rosto pálido e frouxo, em torno do qual havia um emaranhado áspero de cabelo acobreado. A faixa grisalha no repartido tinha três dedos de largura. Ela não parecia em nada com a mulher bem-tratada da casa na zona sul de Londres; e as pessoas que ficaram tão contentes em ver Kate gentil, sorridente e elegante na Alimentação Mundial e em Istambul não a teriam reconhecido (Id., *ibid.*, p. 135)

“A conta do hotel havia deixado suas finanças bastante baixas. Baixas, isto é, para Kate Brown do mundo das conferências, mas altas para uma mulher comum que tinha algumas semanas livres, esperando que a sua família voltasse” (Id., *ibid.*, p. 154). Neste momento, Kate já tem consciência de que ela representava duas Kates, a dona de casa e a Kate das conferências, e que sua identidade se modificara pelas multiplicidades de situações vividas (algo impossível se ela ficasse confinada no lar) e por sua resistência imposta ao mundo forjado na pauta falocêntrica. Como observa Hall, “somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar ao menos temporariamente” (HALL, 1999, p.13).

Dirá o narrador, enfatizando a crise de pertencimento e a assunção de uma outra dimensão do feminino por parte de Kate: “Era a primeira vez em sua vida que ficava sozinha e fora de um casulo de conforto e proteção, o apoio do reconhecimento de outras pessoas pelo que ela havia escolhido representar” (Id., *ibid.*, p. 163). O conflito familiar que aconteceu com Kate foi importante para a construção de sua identidade, visto que a identidade só pode ser construída a partir de vínculos que ligam o eu a outras pessoas, ou seja, “precisamos de relacionamentos, e de relacionamentos aos quais possamos referir-nos no intuito de definirmos a nós mesmos” (BAUMAN, 2005, p. 75).

Kate percebe que “durante toda a sua vida fora sustentada e mantida de pé por um fluido invisível: a atenção de outras pessoas. Mas o fluido se havia esgotado” (Id., *ibid.*, p. 171). Estava na hora de se auto-afirmar, ser ela mesma e subverter os padrões pré-estabelecidos e tidos como naturais:

**Glacilda Nunes Cordeiro**





TRAVESSIAS 07 ISSN 1982-5935  
 revistatravessias@gmail.com

Uma mulher andando com um vestido largo, num andar pesado, e o cabelo – isto acima de tudo – não ajustado aos moldes criados pela moda não está *preparada* para atrair o sexo masculino. A mesma mulher, com um vestido cortado desta ou daquela maneira, caminhando com seu termostato interior ligado bem acima... e clique... ela se encaixa no padrão [...] usou o vestido verde-escuro e foi a Sra. Michael Brown durante o dia inteiro, pois com a máscara, com a charada, adaptação de si mesma ao padrão, vinha a velha atitude, a meiga e adorável Sra. Kate Brown (Id., *ibid.*, p. 176-177).

Analisando toda sua vida Kate conscientiza-se de que “todos nós estamos presas a correntes invisíveis, culpa; devíamos fazer isso, não devemos fazer aquilo, isto é prejudicial para as crianças, é injusto com o marido” (Id., *ibid.*, p. 214).

Kate então decide não mais pintar o cabelo para focar nos padrões da senhora Brown; esta foi a forma que ela encontrou para falar a sua família que tinha mudado. Na verdade Kate havia cansado de dobrar-se à identidade que sua posição de mãe e esposa lhe facultava; queria constituir-se, correr o risco de ver-se fora de uma zona de pertencimento tácita, mas que lhe tolhia as iniciativas pessoais; queria expressar-se como sujeito, assumindo um novo ser feminino: “Suas experiências nos últimos meses, suas descobertas, sua autodefinição; o que esperava que agora forças estavam concentradas ali – ela ia entrar em casa com o cabelo como estava amarrado para trás de maneira prática, áspero e espigado, e com a faixa cinzenta que se alargava a mostra como uma afirmação, uma declaração de realidade” (Id., *ibid.*, p. 231).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória de Kate Brown confirma que a identidade feminina não é algo dado desde sempre, uma essência fixa; trata-se de algo construído processualmente, numa

**Glacilda Nunes Cordeiro**



negociação tensa com os valores estereotipados do discurso falocêntrico. Doris Lessing, no sentido de representar este drama, optou pelo recurso da ironia, fazendo com que um narrador onisciente assumisse o pensamento de Kate, que sai da reificação de sua pessoa, presa a uma posição aviltante de seu ego, para a assunção, ainda que conflituosa, de uma vontade de constituir seu ser feminino.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTRA, Eli; MRAZ, John. "As duas Fridas: história e identidade transculturais." **Estudos Feministas**. Florianópolis-SC, 13(1):216, janeiro-abril/2005.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**. Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2003.

FERREIRA e ORRICO (org.). **Linguagem, Identidade e Memória Social**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

\_\_\_\_\_. "Quem precisa de identidade?". In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org). **A perspectiva dos Estudos Culturais**. 2ª ed. Editora Vozes, Petrópolis.2003

LESSING, Doris. **O verão antes da queda**. São Paulo: Círculo do Livro, 1973.

RAJAGOPALAN, K. "A construção da identidade e a política de representação". In: FERREIRA e ORRICO (org.). **Linguagem, Identidade e Memória Social**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002

SCOTT, J.W. Gênero uma categoria útil de análise histórica. **Revista educação e realidade**, v. 16, n. 2, Porto Alegre, jul./dez. 1990.

SPIVAK, Gayatri. Interview with Angela Mackobbie. In: **Black**, nº 10, UEA, 1985, p. 05-09.